

Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam?

Denise Rezende Barbosa
Inês Barbosa de Oliveira*

A prática na perspectiva da pesquisa nos/dos/com os cotidianos é invenção, inserida na complexidade do viver diário e desenvolvida de acordo com as possibilidades concretas dos *fazeressaberes* daqueles que as desenvolvem. Nesse sentido, ela é central para a compreensão dos processos sociais e suas possibilidades emancipatórias reais – preocupação fundadora das nossas pesquisas.

Ela é, assim, invenção dos sujeitos e/ou grupos de sujeitos de uma determinada coletividade, que tecem seus *fazeressaberes* em função de suas possibilidades, em diálogo com aquelas dos espaços em que esses mesmos sujeitos se encontram inseridos. É, também, invenção das relações que estabelecem nesses espaços, de acordo com as redes de saberes e de valores privilegiadamente atuantes em determinado momento, invenção que faz, portanto, uso das diferentes cores e tonalidades apropriadas às diferentes ocasiões e situações da vida cotidiana.

Temos, portanto, nessa inspiração primeira de nossas pesquisas, duas influências teórico-epistemológicas fortes, Michel de Certeau (1994, 1996) e Boaventura de Sousa Santos (1995, 2000, 2004). Do primeiro, incorporamos a idéia de “invenção do cotidiano”, dos “praticantes” como usuários de normas. Não apenas consumidores passivos, produtores de lances que aproveitam as ocasiões oferecidas pela circunstância em cada momento. Com isso, esses praticantes tecem trajetórias que precisam ser percebidas enquanto tais, para além de seus produtos, que não se capitalizam. São essas operações sobre o real e as trajetórias por elas desenhadas que nos permitem captar, mesmo que de modo indiciário (Ginzburg, 1989), a vida real e as potencialidades que ela inclui, para além das normas estruturais que regem o sistema social.

São essas potencialidades das ações concretas dos sujeitos sociais nos diferentes *espaçostempos* de prática social que vão interessar ao pensamento emancipatório de Boaventura de Sousa Santos. Diz esse autor que é preciso, para pensar a emancipação social, inserir “a novidade utópica naquilo que nos está mais próximo” (1995, p. 106). Podemos depreender dessa afirmação que o potencial emancipatório das práticas sociais

* Grupo de pesquisa “Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar”, do Proped/UERJ, coordenado por Inês Barbosa de Oliveira. Denise Rezende Barbosa é mestre em educação pelo Proped/UERJ e membro do grupo de pesquisa desde 2001.

reais se inscreve naquilo que os praticantes podem desenvolver cotidianamente na perspectiva da emancipação, nos elementos das utopias que inscrevem em suas práticas cotidianas.

A importância que essas idéias assumem nas nossas pesquisas se relaciona com uma terceira idéia, também de Boaventura de Sousa Santos. Se entendemos que a vida cotidiana é habitada por práticas que vão além das normas, que inserem novidade utópica na realidade vivida e produzida pelos praticantes, precisamos buscar meios de aprender com essas práticas e sobre essas práticas, em busca de potencializar as utopias emancipatórias praticadas cotidianamente e viabilizar a invenção/produção de outras. Aqui encontramos as idéias das sociologias das ausências e das emergências, também de Boaventura de Sousa Santos (2004). A primeira seria um método sociológico que permite des-cobrir existências invisibilizadas pelo cientificismo moderno, que se permitiu considerar inexistente ou negligenciável tudo aquilo que não se encaixava no seu modelo de racionalidade. A sociologia das emergências *consiste em substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear (um vazio que tanto é tudo como é nada) por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que se vão construindo no presente através de actividades de cuidado* (p. 794). Essa idéia é, para nós, uma grande contribuição para se pensar a ação político-educativa e seu papel social. Se, ao contrário da perspectiva determinista, assumimos que é das ações dos sujeitos sociais que depende o futuro deles mesmos e da sociedade, temos que conceber a educação como uma ação voltada para a formação de sujeitos sociais capazes e interessados em “cuidar” para que o futuro seja melhor do que o presente. Mais do que isso, e daí a necessidade de aprendermos sobre e com as práticas, é preciso a consciência de que, ao deixar de ser um prosseguimento automático do presente e passar a ser produto das ações sociais reais, o futuro encolhe na exata medida em que só poderá ser aquilo que pode ser pensado como produto das ações que o constroem.

Caberia, assim à sociologia das ausências proceder a essa dilatação do presente assentada em dois procedimentos que questionam a razão moderna. *O primeiro consiste na proliferação das totalidades (...) [e] o segundo consiste em mostrar que qualquer totalidade é feita de heterogeneidade e que as partes que a compõem têm uma vida própria fora dela* (p. 786). A idéia fundadora dos dois procedimentos é a de que as partes de uma totalidade podem ser pensadas como totalidades em potencial e, mais do que isso, como partes de outras totalidades para além das dicotomias hegemônicas nas quais a razão moderna as aprisionou, reconhecendo que, embora de modo tornado

invisível, estes fragmentos *têm vagueado fora dessa totalidade como meteoritos perdidos no espaço da ordem e insusceptíveis de serem percebidos e controlados por ela* (idem). A sociologia das ausências é, portanto,

uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como não existente, isto é, como alternativa não-credível ao que existe. O seu objecto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com elas. O objectivo da sociologia das ausências é transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças (idem).

A pesquisa nos/dos/com os cotidianos considera o universo das práticas sociais reais, desenvolvidas dentro e fora das escolas, como *espaçotempo* privilegiado de acesso a essa riqueza social dos objetos supostamente inexistentes, baseada na convicção de que:

Em primeiro lugar, a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. Em segundo lugar, esta riqueza social está a ser desperdiçada. (...) Em terceiro lugar, (...) para combater o desperdício da experiência social, não basta propor um outro tipo de ciência social. Mais do que isso, é necessário propor um modelo diferente de racionalidade (p. 778).

E considera, ainda, que compreender essas práticas e suas potencialidades emancipatórias é fundamental para pensar, conceber e agir sobre a produção dos futuros melhores do que o presente. Investigar as práticas reais e refletir sobre suas possibilidades emancipatórias é, assim, inscrever no futuro real, próximo, as novidades utópicas já praticadas e suas possíveis ampliações no sentido da emancipação social. A prática é, portanto, central em nossas pesquisas, como fonte privilegiada de acesso à riqueza do mundo, permitindo o acesso a dimensões do real impossíveis de se captar por outros modos de pesquisar. É, ainda, ponto de partida para conceber e construir um futuro social melhor, no que tange à emancipação social. Sua observação e o diálogo que com ela tecemos, por meio das reflexões e discussões coletivas – elementos também fundamentais de nossas pesquisas – que desenvolvemos, é a base da qual partimos para efetivá-las.

No que diz respeito às escolas e aos currículos nelas praticados, pelos diferentes praticantes da vida cotidiana, nas diferentes circunstâncias e realidades nas quais se inscrevem sujeitos e práticas, algumas específicas ao *espaçotempo* escolar, ou seja, com necessidade de abordagem diferente daquelas voltadas às práticas cotidianas desenvolvidas fora da escola, a relação de nossas pesquisas com as práticas ganha, também, especificidades.

Voltando-nos, assim, para as escolas e mais especificamente para as salas de aula, pensar na prática é realmente pensar em invenção cotidiana. As professoras, a partir de seus “planos de curso” ou “matrizes curriculares”, tecem, no dia-a-dia das escolas suas práticas inventadas pouco a pouco e em função das ocasiões, de acordo com as trocas nos corredores da escola com colegas de trabalho, com as experiências e os desejos que os alunos de determinada turma trazem para a sala de aula, com seus saberes sempre provisórios e nem sempre suficientes para responder às especificidades da escola, dos alunos, das condições concretas em que se inscrevem os seus fazeres, e, ainda, das possibilidades de ação cabíveis no sistema em que estão inseridas.

No fim de cada dia nas escolas, percebemos que não fizemos exatamente o que planejamos e que reinventamos os conteúdos, as formas de abordá-los, a dinâmica prevista, e até os conceitos que tínhamos previsto ensinar, conforme imaginamos nos relacionar com o descrito na matriz curricular e com nossos saberes anteriores, advindos de nossa formação. Tecemos nossas práticas do modo como somos capazes em cada circunstância. Somos capazes de pensar no que fizemos e de planejar outras aulas sobre o mesmo conteúdo, mas somos incapazes de controlar os resultados dos planos, do pensado a partir das reflexões e, sobretudo, dos nossos fazeres nesse enredamento de normas, praticantes, *fazeressaberesvalores* que são as salas de aula. Invenção cotidiana, portanto, na qual há criação, há o inusitado, o novo, o incontrolável, ou seja, onde se manifesta a rebeldia do cotidiano.

Pensar a prática como uso de regras e normas conforme as ocasiões e as professoras como praticantes da vida cotidiana, a partir do pensamento certauniano, faz com que elas (as práticas) se convertam em espaço fértil para práticas de pesquisa que, para além de um reconhecimento apenas “cartorial” dos processos de criação cotidiana de conhecimento e de luta emancipatória, (OLIVEIRA, 2008) optam por compreender os processos de gestação e de consolidação que as constituem. Ou seja, *as práticas cotidianas, para além de seus aspectos organizáveis, quantificáveis e classificáveis, em função daquilo que nelas é repetição, é esquema, é estrutura, são desenvolvidas em circunstâncias e ocasiões* (p. 56) que definem modos de usar as regras e produtos oferecidos para consumo. Os utensílios, as formas discursivas bem como as regras gerais do estar na sociedade são, no cotidiano, marcados pelas operações de que são objeto por meio da ação, da prática concreta desenvolvida pelos sujeitos em interação nas diferentes situações de vida.

Para além da fragmentação que picota o fluxo dos acontecimentos para, em seguida, conceder-lhes um ordenamento “lógico” sustentado, em boa medida, por esquemas de ordem estritamente lógico-estruturais, nos quais as práticas são desencarnadas de seus processos cotidianos de existir e de se transformar permanentemente, entendemos que é necessário considerar a pluralidade e as diferentes possibilidades de “fazer a vida”. Entendemos, ainda, que

as estatísticas e generalizações foram produzidas e são repetidas a partir de múltiplas realidades observadas por alguém das quais se extraiu, escolheu, selecionou o que as tornava similares, com o objetivo de viabilizar a construção de uma compreensão mais global do mundo e da estrutura da sociedade em que vivemos. Porém, ao fazer isso, esses estudos abdicaram da pluralidade e da diversidade, dentre outras especificidades das realidades concretas e de seus processos reais de construção (idem, p. 54).

Por outro lado, pensar o cotidiano e erguê-lo à condição de *espaçotempo* privilegiado de produção da existência e de conhecimentos, crenças e valores que a ela dão sentido e direção, considerando-o de modo complexo e composto de elementos sempre e necessariamente articulados, implica em não poder dissociar a metodologia em si das situações estudadas por seu intermédio. Acreditamos que essa é um elemento de força desta metodologia, que não coloca como partes distintas as diversas dimensões que envolvem a pesquisa, ou seja: a teoria e a prática; os saberes formais e os saberes cotidianos; o modelo social e a realidade social; os dados relevantes e os irrelevantes cientificamente; os observadores e os observados; o conteúdo e a forma; etc. Ao trabalharmos nessa perspectiva, assumimos a realidade estudada em sua totalidade complexa (MORIN, 1995), relevando seu caráter multifacetado, abdicando de procedimentos dicotomizadores e redutores de sua riqueza, com seus ônus e bônus. Por meio desses diálogos, podemos assumir, coletivamente, todos os sujeitos das pesquisas, os riscos, prazeres e compromissos de tecer outros mapas cognitivos, interacionais e sociais diversos daqueles com os quais o pensamento hegemônico familiarizou-nos, em variados graus de crença e intensidade. (SANTOS, 2000, p.41).

Assim, com a subversão do modo convencional de se compreender a prática, podendo encará-la como criação cotidiana e permanente de alternativas, conformes ou não ao previsto, podemos compreender a produção curricular como diálogo entre sujeitos, normas, sistemas sociais e educativos e elementos circunstanciais, potencializando novas pesquisas e modos de compreender a educação escolar e seu possível papel emancipatório. Acreditamos que pesquisas orientadas pela importância sociológica da vida cotidiana permitem perceber o mundo como ele está sendo e como

pode vir a ser, para além daquilo que teorias idealistas e idealizadas permitem dizer sobre o que e como ele deveria ser. Abdicamos dessa infindável busca por explicações e definições acerca de uma improvável “essência” da sociedade, da escola, da vida cotidiana ideais em benefício do mundo dos vivos, em sua pluralidade, imprevisibilidade e finitude tão incontornáveis quanto encantadores.

Referências

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano 2: cozinhar, habitar*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- OLIVEIRA, Inês B. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, Inês B. e ALVES, Nilda (orgs.) *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Sobre redes de saberes. Petrópolis: RJ: DPetalii, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice*. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente*. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004.